



A prova é composta de cinco questões discursivas cujas respostas não devem exceder o espaço para elas reservado (duas laudas para cada). O valor por questão é de 2 (dois) pontos, perfazendo o total de 10 (dez) pontos. O caderno de respostas contém 10 (dez) páginas numeradas.

Ao final da prova, o candidato deve entregar os cadernos de questões e respostas, bem como as folhas de rascunho fornecidas pela banca, que não serão lidas nem consideradas para efeito de avaliação.

## QUESTÃO 1

### Texto I

#### Tana Kumuera Ymimiua

[Nossa língua ancestral]

Não se pode dizer que os Kambeba  
Esqueceram a língua Tupi  
Ainda existem falantes  
Que não a deixam sumir  
No ensinamento dos que sabem  
Memorizo o que aprendi.

Kumiça yuria! Kumiça ypaçu!  
[Fala, mata! Fala, lago!]

May-tini na sua grandeza  
Por não conseguir entender  
Viu nossa fala com estranheza  
Português fez o povo aprender.

Mas os Kambeba com esperteza  
Ensinavam em segredo  
Superando o que seria  
O fantasma do seu medo.

A língua não é determinante  
Para se poder dizer  
Que um indígena não é Kambeba  
Por não saber escrever  
Na língua do seu povo  
A afirmação está no seu ser.

[Tradução de May-tini: homem branco]

FONTE: KAMBEBA, Márcia Wayna. *Eu moro na cidade*. São Paulo: Jandaíra, 2018.



## Texto II

### Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És a um tempo, esplendor e sepultura:  
ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela.

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o tom e o silvo da procela  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

FONTE: BILAC, Olavo.

<https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/textos-escolhidos>

## Texto III

### Língua

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia  
E uma profusão de paródias que encurtem dores  
E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa  
Da rosa no Rosa  
E sei que a poesia está para a prosa  
Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior?  
(E quem há de negar que esta lhe é superior?)  
E deixe os Portugais morrerem à míngua  
Minha pátria é minha língua  
Fala Manguieira! Fala!



Flor do Lácio Sambódromo  
Lusamérica, latim em pó  
O que quer, o que pode esta língua?  
(2X)

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas  
E o falso inglês relax dos surfistas  
Sejamos imperialistas! Cadê?  
(Sejamos imperialistas!)

Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda  
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate  
E xeque-mate  
Explique-nos, Luanda  
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo  
Sejamos o lobo do lobo do homem  
Lobo do lobo do lobo do homem

Adoro nomes  
Nomes em 'ã'  
De coisas, como 'rã' e 'ímã'  
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã  
Nomes de nomes  
Como Scarlet Moon de Chevalier  
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé e Maria da Fé  
E Arrigo Barnabé

Flor do Lácio Sambódromo  
Lusamérica, latim em pó  
O que quer, o que pode esta língua?  
(2X)

Incrível, é melhor fazer uma canção  
Está provado que só é possível filosofar em alemão  
Se você tem uma ideia incrível  
É melhor fazer uma canção  
Está provado que só é possível filosofar em alemão

Blitz quer dizer 'corisco'  
Hollywood quer dizer 'Azevedo'  
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo

A língua é minha pátria  
E eu não tenho pátria, tenho mátria  
E quero frátria  
(3X)



Poesia concreta, prosa caótica  
Ótica futura  
Samba-rap, chic-left com banana

(Será que ele está no Pão de Açúcar?)  
Tá 'craude', brô  
Você e tu, lhe amo  
Que qu'eu te faço, nego?  
Bote ligeiro!

Ma' de brinquinho, Ricardo!?  
Teu tio vai ficar desesperado  
Ó, Tavinho, põe esta camisola pra dentro  
Assim mais parecez um espantalho  
I'd like to spend some time in Mozambique

Nós canto-falamos como quem inveja negros  
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem  
Livros, discos, vídeos à mancheia  
E deixa que digam, que pensem, que falem

FONTE: VELOSO, Caetano. <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44738/>

#### Texto IV



FONTE: <http://ipol.org.br/2021/11/>

Com base nas questões levantadas pelos textos acima, apresente:

- uma reflexão crítica sobre a construção da ideia de identidade nacional através das línguas.
- uma discussão sobre a inclusão da cultura e da literatura indígena no currículo de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, apresentando textos e autores indígenas.



## QUESTÃO 2

### TEXTO I

Que a oratura se revele como um dos traços agenciadores do fascínio despertado pelas literaturas angolanas e moçambicanas é ponto pacífico. Todavia não é o único vetor da magia que emana dessas letras. Outros procedimentos - também encontrados em literaturas de qualquer parte do mundo, entre os quais: o trabalho com a memória e as tradições; o repensar crítico da história, dos mitos e do animismo religioso; a metalinguagem e a ludicidade poética; o humor e a paródia - ganham formas peculiares ao se interseccionarem com vivências históricas, visões de mundo e estilos próprios de cada escritor ou poeta, cujos discursos se tecem de acordo com suas perspectivas ideológicas e sociais, com o uso que fazem da língua portuguesa (em vários casos, reinventada por elementos das línguas africanas locais), com seus valores morais, crenças e sentimentos, enfim, com suas idiossincrasias.

FONTE: SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

### TEXTO II

De um modo ou de outro, a fala crítica africana vem repondo algumas categorias em seus lugares, o que é um fato muito promissor. A partir dessa constatação, é possível traçar as linhas do desenho de um discurso literário em-diferença onde o exótico, o a-menos, ou mesmo o chamado pensamento mágico, etc., vão cedendo espaço para a discussão sobre o *proprium* de uma cultura que se afasta bastante das mediações simbólicas do branco ocidental hegemônico. Ganha um relevo especial, no universo crítico africano onde a memória exerce um papel preponderante, a questão da tradição e o sentido de ruptura que marca uma boa parte dessa produção expressa em língua europeia, na esmagadora maioria das vezes.

FONTE: PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

### TEXTO III

#### Nossa voz

Ao J. Craveirinha

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara  
sobre o branco egoísmo dos homens  
sobre a indiferença assassina de todos.  
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão



nossa voz ardente como o sol das malangas  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz lança de Maguiguana  
nossa voz, irmão,  
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade  
e revolucionou-a  
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena  
e fez escorrer suores frios de condenados  
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...

Nossa voz, irmão!  
nossa voz atabaque chamando.  
Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança  
nossa voz farol em mar de tempestade  
nossa voz limando grades, grades seculares  
nossa voz, irmão! nossa voz milhares,  
nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,  
nossa voz gorda de miséria,  
nossa voz arrastando grilhetas  
nossa voz nostálgica de impis  
nossa voz África  
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra  
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!  
Nossa voz que descobriu até ao fundo,  
lá onde coaxam as rãs,  
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,  
da simples palavra ESCRAVIDÃO:

Nossa voz gritando sem cessar,  
nossa voz apontando caminhos  
nossa voz shipalapala  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz, irmão!  
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!

FONTE: SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

Com base nas questões levantadas pelos textos acima, apresente:

- uma análise sobre a importância da memória nos textos de literaturas africanas de língua portuguesa.
- um comentário sobre a relação entre os verbos e o recurso estilístico da anáfora, utilizados no poema “Nossa voz”, da escritora moçambicana Noémia de Sousa.



### QUESTÃO 3

#### TEXTO I

Ao interromper suas atividades e abrir um romance, o leitor busca, de alguma maneira, se conectar a outras experiências de vida. Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro, morar em terras longínquas, falar uma língua estranha, ter outro sexo, um modo diferente de enxergar o mundo. O romance, enquanto gênero, promete tudo isso a seus leitores – que podem ser leitoras, que têm cores, idades, crenças, instrução, contas bancárias, perspectivas sociais muito diferentes entre si. Portanto, a promessa de pluralidade do romance, um sistema de “representações de linguagens”, nos termos de Bakhtin (1988 [1975], p. 205), envolve não só personagens e narradores(as), mas também seus(suas) leitores(as) e autores(as). Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas. [...]

FONTE: DALCASTAGNÈ, Regina. “Um mapa de ausências”. In *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2012.

#### TEXTO II

A Flup – Festa Literária das Periferias é uma festa literária internacional cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro. [...] O evento passou pelo Morro dos Prazeres, Vigário Geral, Mangueira, Babilônia, Mangueira e Vidigal, até chegarmos ao centro da cidade, abraçando a região que o sambista Heitor dos Prazeres batizou de “Pequena África”. A edição de 2018 foi realizada na Biblioteca Parque Estadual e a de 2019 no Museu de Arte do Rio de Janeiro.

Outra característica que torna a Flup única é que a festa é precedida por um processo formativo, que já resultou na publicação de 21 livros com autores de periferias. Alguns autores que passaram por essas formações são Ana Paula Lisboa, Jessé Andarilho, Rodrigo Santos e o fenômeno Geovani Martins, jovem morador da Rocinha cujo livro de estreia foi traduzido para mais de 10 países. Pode-se atribuir à Flup a emergência da primeira geração de escritores oriundos das favelas cariocas.

Em nove edições, a Flup ganhou alguns prêmios importantes, como o Faz diferença de 2012, o Awards Excellence de 2016, o Retratos da Leitura de 2016 e o Prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura, respectivamente outorgados pelo jornal O Globo, a London Book Fair, o Instituto Pró-Livro e a Câmara Brasileira do Livro (CBL).





FONTE: “Festa Literária das Periferias – FLUP”. Disponível em [https://wikifavelas.com.br/index.php/Festa\\_Liter%C3%A1ria\\_das\\_Periferias\\_-\\_FLUP](https://wikifavelas.com.br/index.php/Festa_Liter%C3%A1ria_das_Periferias_-_FLUP) Acesso em 8. ago. 2023.

### TEXTO III

Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões  
São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

FONTE: *Histórias para ninar gente grande* - Samba-Enredo 2019 da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira.

Com base nas questões levantadas pelos textos acima, apresente:

- uma discussão sobre a exclusão dos textos produzidos por autores negros e das periferias na tradição canônica da literatura brasileira, estabelecendo um diálogo com o samba-enredo “Histórias para ninar gente grande”, da Mangueira.
- uma reflexão pedagógica sobre como não perpetuar tais silenciamentos e exclusões nas aulas de Português e Literatura do Ensino Médio.





## QUESTÃO 4

### TEXTO I

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

FONTE: MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: *Gêneros textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

### TEXTO II

Do ponto de vista das **práticas contemporâneas de linguagem**, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorada no Ensino Fundamental. Fenômenos como a pós-verdade e o efeito bolha, em função do impacto que produzem na fidedignidade do conteúdo disponibilizado nas redes, nas interações sociais e no trato com a diversidade, também são ressaltados.

FONTE: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_ve\\_rsaofina\\_l\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ve_rsaofina_l_site.pdf) (Grifo do próprio documento)

### TEXTO III

É MANHÃ DE UM DIA DE SEMANA AGITADO e estou a caminho de uma reunião no centro da cidade. O metrô está lotado de passageiros, todos absortos em seu mundo particular. Alguns leem os jornais gratuitos já descartados no chão do vagão; uns poucos até leem livros; mas a maioria está imersa em telas. Alguns leem no tablet ou e-book, enquanto outros jogam ou assistem a vídeos em seus smartphones. Muitos checam e-mails ou passam os olhos por textos, músicas, fotografias e tuítes. A maioria usa fones de ouvido. As paredes do vagão e das estações, por sua vez, estão cobertas de anúncios publicitários, e muitos passageiros fazem propaganda de marcas em suas roupas, bolsas e aparelhos digitais. Ao retornar para o nível da rua, passo por grandes telas em plataformas



e por telas menores nas escadas rolantes, promovendo os mais recentes filmes, peças de teatro, exposições e lançamentos musicais. Ao sair da estação, as pessoas conferem seus telefones mais uma vez, ansiosas para ler as mensagens que perderam enquanto estavam no subsolo.

A mídia está em toda parte. É como o ar que respiramos. [...]

FONTE: BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela educação midiática*. Trad. José Ignacio Mendes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2002.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta a importância de se tratar, no Ensino Médio, das realizações contemporâneas de linguagem próprias da cultura digital, já que, como ilustrou David Buckingham em seu manifesto, estamos imersos em um ambiente midiático em constante mutação. Tendo em vista as reflexões sobre gêneros textuais propostas por Marchuschi e os seus conhecimentos sobre o assunto, apresente uma reflexão didática sobre como podem ser abordadas, nas escolas, as práticas orais contemporâneas próprias da internet, tendo em vista tanto a sua recepção quanto a sua produção.

## QUESTÃO 5

### TEXTO I

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito. O discurso que se pretende neutro, ingênuo, contém também uma ideologia: a da própria objetividade.

FONTE: KOCH, Ingedore V. *Argumentação e linguagem*. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo, Cortez, 2002. p.17. (Grifos da autora)

### TEXTO II

Condicionado pelo médium digital, o espaço público do século XXI se caracteriza, então, não apenas por uma liberdade de expressão crescente, mas também por uma nova possibilidade de escolha das fontes de informação, assim como por uma nova liberdade de associação no seio das comunidades, grafos de relações pessoais ou conversas criativas que florescem na rede.



FONTE: LÉVY, Pierre. “A esfera pública do século XXI”. IN: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (orgs.). *Net-ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação*. Campinas, SP: Papirus, 2017, p. 32.

### TEXTO III



**@ canetadesmanipuladora:** Ganhar???

Madalena Gordiano foi mantida em uma situação de trabalho escravo em favor da família Rigueira por 38 anos.

Infelizmente, a escravização de pessoas em benefício de outras ainda é uma prática muito recorrente no Brasil. Essa realidade é fruto de uma abolição que até hoje é vista como uma boa ação praticada por uma princesa. Não houve nenhuma política compensatória aos mais de 300 anos de escravidão no Brasil e isso está na base de casos como esses.

Colocar o resultado de uma audiência judicial, onde há um acordo, como algo que Madalena "ganhou" de quem a escravizou é mais uma naturalização da situação do trabalho escravo no país.

Madalena por 38 anos sofreu maus tratos e tinha seu direito de ir e vir cerceado. Indenização não é algo que a família "deu" na condição de réu da ação judicial. É o mínimo de justiça com quem teve a vida roubada por eles por tanto tempo.

Inclusive, a própria reportagem traz uma fala de Madalena sobre como o processo foi difícil e a família não queria sequer um acordo de indenização:

"Sobre a família que a mantinha como escrava, ela diz que nunca mais se encontrou com eles.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA  
COORDENADORIA DE CONCURSOS – CCONC  
Edital 04/2023 – Professor Efetivo  
Unidade Maria da Graça – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira



"Nem quero. De vez em quando eles aparecem em audiência, custaram a fazer o acordo, o advogado deles não aceitava nada. Ele também não", disse, referindo-se ao professor Dalton Cesar Milagres Rigueira, que está sendo processado junto com a mulher, Valdirene Rigueira. A reportagem não conseguiu contato com a defesa de Rigueira."

Não é justo dizermos que Madalena ganhou o que é seu por direito. Para acompanhar e saber mais detalhes do caso de Madalena vocês podem procurar pelo perfil no instagram @expondocasoescravo

FONTE: <https://www.instagram.com/p/CRcqp0pNiE1/>. Acesso em: 24 de agosto de 2023.

Considerando os textos acima, desenvolva uma reflexão sobre o trabalho com argumentatividade em sala de aula no Ensino Médio a fim de desenvolver com os discentes uma capacidade de leitura crítica do modo como os discursos são construídos tanto nos textos que circulam pela mídia tradicional quanto nas novas mídias.